

ECOLOGIA E ONTOLOGIA QUILOMBOLA E O CONTRACOLONIALISMO DE NÊGO BISPO

Aline Gabrielle¹

UFRN: <https://orcid.org/0000-0003-1628-9016>

Mateus Venceslau²

UFRN: <https://orcid.org/0000-0001-9372-5825>

DOI: 10.21680/1982-1662.2024v7n41ID38492

Resenha: SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

A narrativa da modernidade ocidental foi contada e analisada historicamente pelas vozes e lentes antropeurocêntricas das teorias sociais formuladas no Norte global, reforçando um imaginário de passividade acrítica do Sul ao relegá-lo a um papel de receptor das teorias, nunca desenvolvedor. Se o *colonialismo* enquanto período histórico de dominação e exploração econômica, cultural e territorial pode ser visto como encerrado, a consequente *colonialidade* das estruturas de poder que constituem o pensamento moderno ocidental permanece atuando em sua tentativa de colonizar todos os modos de existência diferentes no capitalismo do Atlântico Norte. Diversos movimentos nascem dos esforços de combater essa colonialidade, destacando as vozes da periferia global nas produções de conhecimento e nos diversos modos de viver e se relacionar com a natureza. Na América Latina é possível observar o crescimento do pensamento decolonial nessa empreitada epistemológica e política de oposição ao colonialismo, revelando e combatendo a falaciosa narrativa eurocêntrica do que é ser negro, indígena, quilombola, entre outros grupos historicamente explorados, por meio da ampliação do seu protagonismo na análise crítica da modernidade colonial, assim como de suas cosmovisões. Em um desdobramento para além do decolonialismo, encontramos atualmente a emergência do *contracolonialismo*

¹ Email: alinegrds@gmail.com

² Email: mateus.venceslau.700@ufrn.edu.br

enquanto modo de existência afropindorâmica³ contra o colonialismo.

Precursor do contracolonialismo, Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nêgo Bispo, foi um autor, lavrador, mestre e líder quilombola, formado a partir dos ensinamentos de mestras e mestres do Quilombo do Saco-Curtume, no Piauí. Nascido em 10 de dezembro 1959, foi o primeiro de sua família a se alfabetizar e, completando formalmente o ensino fundamental, responsabilizado com a escrita dos saberes de seu povo, sua tradição de mediação oral deslegitimada no contato do quilombo com o Estado. Fez parte de movimentos sociais quilombola e de luta pela terra, atuando na Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI) e na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), participou como professor e mestre convidado no projeto Encontro de Saberes (INCT/UnB) e na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Publicou, além de diversos artigos e poemas, três livros: *Quilombos, modos e significados* (2007); *Colonização, Quilombos: modos e significados* (2015) e, o mais atual, *A terra dá, a terra quer*, discutido nessa resenha. Infelizmente Nêgo Bispo ancestralizou em 3 de dezembro de 2023, apenas sete meses após o lançamento desse livro.

Publicado em maio de 2023 pela Ubu Editora, *A terra dá, a terra quer* retoma conceitos chave do contracolonialismo apresentados em obras anteriores, como *compartilhamento*, *confluência*, *biointeração* e *diversais*, categorias semeadas a partir da cosmovisão políteísta quilombola que recusa a colonização eurocristã, monotéista e cosmo-fóbica. Essa retomada dos conceitos é acompanhada de relatos dos modos quilombolas de viver, compartilhar e confluir com a terra e os seres que nela vivem, evidenciando duas das principais influências que podem ser identificadas no pensamento de Bispo, localizando-o no movimento da “ecologia quilombola”.

Em seu livro *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho* (2022), o pensador martinicano Malcom Ferdinand apresenta seu conceito de *dupla fratura da modernidade*, em que aponta como a modernidade colocou o homem em uma posição de superioridade ontológica em relação a natureza, originando uma fratura colonial e ambiental que separou historicamente os movimentos ambientalistas e antirracistas, um grave problema na visão de Ferdinand, visto que o autor considera

³ Denominação cunhada por Bispo (2015, p. 19-20) para os povos da região da chamada América do Sul – abarcando negros, indígenas e quilombolas – em oposição a denominação colonial. Também utiliza “colonização afro-pindorâmica” para nomear a colonização das Américas.

que é impensável o combate à crise ambiental sem o combate ao colonialismo e vice-versa, assim, a partir da centralidade do mundo caribenho elabora uma *ecologia decolonial*, propondo uma nova forma de ver e viver no mundo. É o mesmo Ferdinand que assina o texto de orelha de *A terra dar, a terra quer*, considerando-o um texto potente que “vem triturar os fundamentos do mundo colonial ocidental” ao apontar as assimetrias das relações que temos com os animais, a natureza e nossos modos de existência. De acordo com Fernand (2022), as fugas quilombolas nas Américas construíram uma relação com a natureza e deram origem a uma *matrigênese*, um processo metafísico e material que forma um laço com a Terra, habitando-a de um modo que a tornou uma *Mãe Terra*; assim, através da *matrigênese*, Ferdinand (2022) discorre sobre como as relações entre os quilombolas, a terra e natureza permitem uma ecologia decolonial de defesa e preservação da *Mãe Terra*.

O contracolonialismo de Nêgo Bispo conversa com características desse pensamento de ecologia quilombola ao trazer essas relações a partir da sua cosmovisão. Em *A terra dá, a terra quer* o autor discorre sobre como os humanos experimentaram uma cisão com a natureza e a terra em prol de um desenvolvimento sintético que transforma tudo em mercadoria, consequências da *cosmofobia* – doença dos povos coloniais, em que o sagrado e o orgânico são temidos e substituídos pelo sintético, uma aversão a qualquer cosmovisão que diverge da colonial. Bispo também rejeita o status ontológico de “ser humano” para então afirmar o de “quilombola”. Ser quilombola não é apenas uma cultura ou natureza, é uma ontologia cosmológica compartilhante com o que a terra dá e quer.

No primeiro capítulo, nomeado “semear palavras”, Bispo retoma o movimento de *guerra de denominações*, que aponta como estratégia de combate ao colonialismo. Ao fazer uma relação entre o adestramento de animais e a colonização, ele aponta que ambas as técnicas começam com a desterritorialização dos adestrados, por um processo de denominação, que deve ser voltada contra o colonizador, com palavras coloniais sendo substituídas por conceitos próprios do povo colonizado. Ao criticar a noção de *desenvolvimento*, que considera uma variante da cosmofobia, Bispo sugere o conceito alternativo de *envolvimento* e prossegue com seu ataque na guerra das denominações. Nêgo Bispo diz ter *semeado* todas essas palavras, mas que a que mais germinou foi a *confluência*, caracterizada como uma energia que rende e amplia, uma força que nos move ao compartilhamento.

No capítulo “cidades e cosmofobia”, Bispo (2023, p. 18) inicia afirmando que a cidade é o oposto da natureza, que “a cidade é um território artificializado, *humanizado*. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos”. O pensador quilombola expõe o desequilíbrio presente na relação humano-natureza da cosmofobia colonialista, apontando o afastamento da natureza e o não reconhecimento dos animais como o *pecado original* da humanidade, efeito da cosmofobia, e propõe a contracolonização como imunização. O *politeísmo* seria a solução, visto que a cosmofobia é gerada dentro do monoteísmo, onde existe uma eterna disputa entre os deuses que, assim como o pecado original, não existe no politeísmo. Embora a religião seja uma temática frequente na crítica de Bispo, visto que a cosmofobia é a categoria dos povos eurocristãos, tanto o monoteísmo quanto o politeísmo podem ser observados para além do religioso – adentrando o campo propriamente ontológico.

Aliás, o movimento das viradas ontológicas⁴ se apresenta como possibilidade de repensar os pressupostos ontológicos do colonialismo e superar a filosofia da consciência⁵. Entre os diversos desdobramentos desse movimento, encontramos duas características centrais que convergem com o contracolonialismo de Antônio Bispo: a fuga do monismo ontológico em prol da adoção de um pluralismo ontológico, isto é, o reconhecimento da existência de múltiplos modos de existir/ser; o combate da assimetria antropocêntrica nas relações entre humano/não-humano – animais, seres, entes, coisas, objetos, espíritos – baseada em um primado do humano. À medida que, ao longo do livro, Bispo insere suas próprias vivências na cidade e na Caatinga, demonstrando como as características da cidade e dos *povos da cidade* são opostas ao do seu povo quilombola, vemos a construção da sua crítica ao humanismo, colocando-o no oposto ontológico do que ele designa como *diversais*, os orgânicos e adeptos da cosmologia – quilombolas, povo da favela, africanos. Ele utiliza esses relatos para introduzir suas críticas e conceitos, como a divisão que faz entre a *arte*, que vem da alma e é compartilhada, e *cultura*, que é mercadoria colonialista. Com

⁴ Sobre o movimento das viradas ontológicas ver: Para além de natureza e cultura (2023) de Philippe Descola; Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede (2012) de Bruno Latour; Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural (2015) e A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia (2017) de Eduardo Viveiro de Castro.

⁵ A filosofia da consciência se refere aos pressupostos do imperativo categórico Kantiano de que haveria uma consciência fora de nós. Diversas gerações de teóricos buscaram fornecer uma resposta a esse dilema, e a virada ontológica contribui no sentido de perceber a existência do ser e do mundo de uma forma diferente, sem imperativos, também a partir de uma ênfase nas práticas e afetos, buscando superar dicotomias clássicas como indivíduo/sociedade e natureza/cultura.

efeito, os quilombolas (e os animais) não têm “cultura”, mas modos de vida. Outra diferenciação é entre sentir-se *útil* na cidade e *necessário* no quilombo. Aquilo/aquele que é útil e importante na cidade pode ser substituído quando não tiver mais necessidade, mas o *necessário* não, ele é querido e procurado, no quilombo *todas* as vidas são necessárias. Se a relação comunitária quilombola é uma relação *orgânica*, as relações dos povos da cidade seriam relações *sintéticas* – de utilidade, armazenamento e expropriação – portanto, *cosmofóbicas*. Onde os humanistas desejam *desenvolvimento*, os *diversais* querem *envolvimento* orgânico.

Em uma crítica ao monismo ontológico antropocêntrico que coloca o modo de ser humano como o padrão de entendimento e constituição do mundo, a categoria *diversais* de Bispo é excelente na demonstração da cosmologia orgânica que permeia a ontologia quilombola, quebrando não só com o monismo, como também com o dualismo e o binarismo, baseado em uma noção de *circularidade fronteiriça*. No entanto, é justamente nesse pensamento fronteiriço que encontramos uma falha no contracolonialismo de Bispo. Não só em *A terra dá, a terra quer* como também em suas outras obras, somos apresentados à cosmovisão contracolonialista que expõe o colonialismo cosmofóbico dos humanistas, sempre em busca de colonizar os modos de existência dos *diversais*. Ora, como coexistir fronteiramente com um inimigo que quer sua destruição? Se o desenvolvimentismo humano baseia-se na denominação, desterritorialização e expropriação sintética dos não-humanos, um *contracolonialismo* imunizante não pode ser considerado como a resposta, é preciso que uma cura *anticolonialista* seja pensada.

Seguidamente, somos introduzidos ao capítulo “somos compartilhantes”, em que Bispo explora as relações entre humanos e não-humanos a partir da categoria de *compartilhamento*, onde têm-se uma relação de *ações afetivas*, ao contrário do conceito de *troca*, que baseia-se no objeto. Ao demonstrar os relacionamentos de compartilhamento que vive no quilombo, com outros habitantes, árvores, pedras e animais, Bispo apresenta o *pertencimento* sentido pelos quilombolas. Um ponto crucial desse escrito é como o autor apresenta a relação com os povos afroconfluentes que compartilham o território com os quilombolas. O quilombo não formou-se sozinho, foi necessário uma *confluência de saberes* entre os quilombolas, os indígenas e o afroconfluentes e, mais ainda, é preciso um novo compartilhamento entre esses povos. Nas palavras do pensador quilombola, “no dia em que os quilombos perderem o

medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter!” (Bispo, 2023, p. 45). Essa relação compartilhante dos diversos, que carrega consigo o sentimento de pertencimento a uma determinada terra através da confluência de saberes, mostra um meio de reconhecimento (Taylor, 2000) constitutivo de suas identidades, pois ela também é fruto da relação intersubjetiva que eles mantêm com o seu território, uma relação orgânica de reconhecimento e pertencimento que difere da relação material sintética dos colonialistas.

Ainda no mesmo capítulo “somos compartilhantes” também podemos destacar uma crítica política feita por Nêgo Bispo ao apontar a diferenciação entre *política* e *autogestão*. Para o autor, os humanos baseiam-se em formas de gestão verticais que são instrumentos colonialistas, pois a política é sobre a gestão do *outro*. Novamente vemos uma chave de análise que ele traz ao considerar não só os quilombolas como os animais para apontar que a autogestão é o modo de organização desses povos, fundamentada em uma defesa segmentada e integrada, que é aplicada apenas a um grupo cujo tamanho seja possível de gerir. Assim, os colonialistas *refluem* e os cosmológicos *transfluem*, ao indicar que na transfluência, seja qual for a ordem, é baseada em *circularidade*, ao passo que o refluir colonialista é um transporte que tem apenas ida e volta.

Contém em suas ideias também uma preocupação com as gerações futuras, indicando que não faz sentido investir nos povos da política sintética, é preciso confluir com as *gerações neta* para que o processo de autogestão e a cosmologia continue a crescer e *confluir* com os seres. No entanto, ao falar sobre as futuras gerações, Bispo toma um rumo surpreendente ao colocar os colonialistas e os decoloniais em um mesmo grupo do qual a geração neta contracolonial deve se defender. Novamente identificamos o pensamento fronteiro de Bispo, agora também aplicado aos próprios movimentos decoloniais, que o autor compreende como a depressão e deterioração do colonialismo. Considerando que o decolonialismo é um movimento crescente dos povos negros e latinoamericanos, endereçados por Bispo como afropindorâmicos e afroconfluentes junto aos quilombolas, existe uma certa contradição entre essa fronteira de defesa e o desejo expressado anteriormente de novas confluências e compartilhamento.

Inicialmente podemos considerar que *A terra dá, a terra quer* teve um formato semelhante ao que Bispo trouxe em seu livro anterior *Colonização, Quilombos: modos e significados* (2015), que considerou uma “espécie de reedição expandida das ideias do livro *Quilombos, Modos e Significados*, [em que] procurei dialogar com os mesmos princípios e exercitar a mesma metodologia, porém o que mudou foram as minhas pretensões” (Bispo, 2015, p. 20). Na atual obra também vemos o tratamento dos mesmos conceitos e noções em um modelo ensaísticamente semelhante, mas com o adicional inovador de suas ideias sobre arquitetura e modos de morar/habitar/compartilhar, não presentes nos livros anteriores.

Adentrando o quarto capítulo “arquitetura e contracolonialismo” vemos Bispo não só apresentar sua visão da arquitetura como meio de colonização, como também oferecer uma inovadora crítica aos programas governamentais que, apesar de à primeira vista poderem ser percebidos como positivos socialmente, na verdade carregam um caráter de *desterritorialização* colonialista. Ao fazer uma descrição do modo como os quilombolas e os povos das favelas constroem e organizam suas casas, Bispo pinta um brilhante quadro de moradia como *compartilhamento* entre todos os viventes do ambiente, humanos e não-humanos, desde a escolha de materiais locais, a disposição dos cômodos e a escolha do local da casa. Ele declara categoricamente que um quintal é essencial em uma casa quilombola, assim como a laje é na casa da favela – ambos os espaços são locais de compartilhamento e confluência de afetos e saberes entre as gerações; a cozinha é primordial, pois a relação com a comida para os diversos é também de compartilhamento, com todos participando do preparo e da celebração que acompanha a construção da casa e a partilha do alimento, ao contrário dos humanistas eurocritãos monoteístas que relacionam-se com a comida a partir da restrição e da proibição, cosmo-fóbicamente negando o compartilhamento com outras pessoas.

A partir de sua visão da arquitetura enquanto colonialista, Bispo aponta como os programas habitacionais – citando especificamente o *Minha Casa, Minha Vida* – que se propõem a construir casas para as pessoas não consideram seus modos de vida na idealização e execução das moradias. Retiram o quintal dos quilombolas e as lajes do povo das favelas, acabam com a horizontalidade da arquitetura quilombola e constroem casas compridas, estreitas e desterritorializadas em favor de um utilitarismo físico espacial que não abrange os modos de viver e, conseqüentemente, a

identidade dos povos que vão habitá-las. Suas contínuas críticas ao governo são direcionadas tanto a gestões de esquerda quanto de direita, pois acredita que não é possível ter um governo bom quando o Estado é ruim e estruturalmente organizado de forma colonialista.

A ideia de *colonialismo de submissão* aparece no capítulo seguinte, de mesmo nome, trazendo uma reflexão sobre as relações entre as regiões brasileiras. Fazendo parte de um quilombo localizado na região Nordeste, Bispo fala de como os governantes dessa região fazem parte da estrutura de colonialismo não só por serem colonialistas, mas também a partir de sua própria posição de subalternidade ao Sul e Sudeste, renunciando as características da Caatinga e dos modos de viver dos caatingueiros em prol de serem colonizados por essas regiões politicamente dominantes. Sua diferenciação entre *habitantes* e *compartilhantes* entra em jogo novamente ao apontar que os governantes são apenas habitantes, não compartilhando a cosmologia orgânica da Caatinga. Bispo apresenta ainda as consequências da chegada do agronegócio na região. O modo de viver orgânico – de plantio, de transporte, de compartilhar e de confluir – foi prejudicado pelas medidas colonialistas baseadas na *utilidade* de tudo que pudesse ser classificado como mercadoria, pois se não fosse mercadoria não era útil, logo, não era bom. Essa dinâmica de sintetização não afetava apenas os humanos, pois o modo de viver orgânico dos diversos é compartilhado com todos os outros seres da natureza, como animais e plantas. O racismo com os outros tipos de vida e a invisibilização desses outros entes prejudicados é apontada pelo semeador de palavras, destacando como a rejeição aos alimentos que a terra dá na Caatinga faz com que suas variedades sejam cada vez mais limitadas a um ou dois tipos aceitos pelos cosmofóbicos.

O âmbito da *biointeração* continua a ser fervorosamente discutido por Bispo, que critica as regulações e censuras que o governo e suas instituições impõem aos caçadores, proibindo a caça sem considerar as relações de confluência que constituem o caçar e perpassam os caçadores e os animais silvestres. Antes era possível que um animal gestante ou muito jovem caísse na armadilha e fosse liberado porque os caçadores sabiam que eles iam continuar o ciclo da vida e que poderiam pegar outro para se alimentar, no entanto, com o Ibama proibindo a caça essa prática se torna impossível, o que cair na armadilha vai ser consumido pois não se sabe quando poderia caçar novamente. Ao criticar as instituições e organizações, que não procuram o

conhecimento dos caçadores para compreenderem a região além de suas próprias visões cosmo-fóbicas, Bispo reprova também as universidades, que não investigam os reais responsáveis pela crescente destruição da natureza e dos animais – o desmatamento e o uso de agrotóxicos trazidos pelo agronegócio – por estarem à mercê do financiamento de pesquisas dos laboratórios que produzem esses venenos.

O livro se encerra com o capítulo “criar solto, plantar cercado”, em que Bispo descreve o processo de como os modos de vida do povo caatingueiro, especialmente de plantio e de relação com os viventes da Caatinga, foi afetado pela chegada das “Ciências Agrárias” e dos parques eólicos. As práticas de cultivo dos quilombolas têm características próprias de formação triangular que se adequam ao terreno natural da terra, de plantação de várias sementes, com ciclos diversos, sempre em confluência com os viventes da terra que comiam as plantas nativas, protegendo as plantas do cultivo. Com a chegada do *desenvolvimento sustentável* do colonialismo, novas formas de cultivo foram “ensinadas e aprendidas”. Os *saberes cosmológicos*, de prática orgânica adquirida e passada entre gerações compartilhantes, têm sofrido pressões de colonização do saber racional sintético que planta de forma linear apenas uma semente por lugar, sempre nos ciclos curtos para colher mais rápido, com auxílio de agrotóxicos. Os engenhos e as formas de criar os animais também foram alvos da colonização de saberes, cercando os animais que eram soltos. Bispo traz o exemplo de Chapada Grande, às margens do rio Berlenga, que era rica em fauna e flora locais até a chegada dos plantadores de soja e de eucalipto com suas *culturas* de plantio colonizador, que destrói o mundo das pessoas que compartilhavam aquele local e o transforma em outro. A problemática não permanece apenas no âmbito dos lugares de agricultura, surgindo também através dos parques eólicos. Sua chegada, anunciada como *sustentável* e *ecológica*, teria forçado um êxodo animal dos seres que perderam seus locais para o desmatamento, o barulho e a presença humana. O colonialismo estendeu suas garras para todos os lados, principalmente nos saberes dos povos. Bispo (2023, p. 100) volta novamente suas críticas às universidades, que considera “fábricas de transformar os saberes em mercadorias”, apontando como tentam converter a agricultura quilombola em mercadoria para depois vendê-la de volta para o povo, transformando suas comidas e raízes locais em “alimentos orgânicos” – um produto que vai de total oposto ao que realmente é *orgânico* para os quilombolas.

De maneira geral, Antônio Bispo apresenta o contracolonialismo como a vacina imunológica da cosmofobia, a defesa dos diversos cosmológicos contra o humanismo cosmofóbico que intenta transformar os saberes, os compartilhamentos e as confluências dos viventes da terra em mercadoria de troca. A ênfase nas práticas de cultivo e autogestão e nas relações de afeto compartilhantes da ontologia quilombola demonstra como o combate ao colonialismo é crucial para a preservação desses modos de existências diversos e *diversais*. Na modernidade capitalista e colonialista em que vivemos, a imunidade cosmológica da ontologia quilombola é um orgânico necessário em meio ao sintético utilitário que busca colonizar os modos de viver de todos os seres, contudo, é importante refletir que a luta contra o colonialismo não pode ser apenas contracolonialista, exigindo um posicionamento de combate. Para que o asfalto derreta e possamos continuar a confluir orgânica e cosmologicamente com a terra e todos seus compartilhantes, para que as pluriontologias dos diversos possam continuar a existir, a cosmofobia humanista não pode apenas ser imunizada, deve ser curada. *A Terra dá, a terra quer* é um livro que nos convida a refletir pressupostos ontológicos e afetivos de como a realidade para nós pode ser vista a partir do modo como nos relacionamos com o mundo à nossa volta e como somos afetados reciprocamente. Também nos convida a pensar na produção do conhecimento: para quem ele é produzido? A partir de qual e para qual realidade ele é pensado? Assim, Bispo nos coloca questões sobre o mundo à nossa volta e nos convida a refletir suas inúmeras relações.

Referências

- FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Quilombos, Modos e Significados*. Teresina/PI: Editora COMEPI, 2007.
- TAYLOR, Charles. A Política do Reconhecimento. In: TAYLOR, Charles. *Argumentos Filosóficos*. São Paulo: Editora Loyola, 2000. p. 241-274.

Recebido: 10 dez 2024
Aceito: 16 dez 2024